



"COISAS DO BRASIL"

EDUARDO BRASIL
JORNALISTA / PRODUTOR CULTURAL



Falando do Jegue Serapião...

O jegue Serapião é constante no nosso filme "U ômi qui casô cua mula", baseado na poesia de cordel do saudoso parceiro Téo Azevedo, que adaptei e dirigi para o cinema. É um dos protagonistas. Dócil, aparece mais que a própria mula. Está praticamente em todas as tomadas e, na maior parte das vezes, roubando a cena. No entanto, encontrar o animal para ser o companheiro inseparável do caipira Zé do Jegue, protagonista do filme, não foi nada fácil. Foi uma peleja.

Outrora abundante no sertão, em especial em Alto Belo, onde gravamos o longa, o animal quase sucumbira à ação criminosa do homem que o sacrificou aos milhares buscando estancar sua proliferação no Nordeste brasileiro. Resultado: o jegue sumiu, ficando escasso por aqui.

Com esforço Téo Azevedo conseguiu um exemplar do recém-abundante animal. Foi uma festa de despreocupação. Afinal, agora tínhamos o astro que faltava ao elenco. E nós o recebemos com pompas, é verdade. Pra nós, era como se Serapião fosse o último dos jegues. Um herói sobrevivente da raça. Durante as filmagens, era mimado, bajulado, tratado com todo carinho. E jamais explorado "em nome da sétima arte". Decidimos, inclusive, que ele jamais seria montado durante o filme. Assim, ao longo de 1h12, ele é visto na tela sendo puxado pelo dono. Jamais montado.

Serapião também recebia a atenção exclusiva de um cuidador, um esperto garoto da roça que o alimentava e o levava para os sets de filmagem. O objetivo era evitar o cansaço de Serapião, já que ele "atuava" na maioria das situações.

Enfim, resta dizer que Serapião correspondeu ao mimo e nunca precisou dar coices em alguns de nós. Foi um ótimo companheiro, além de um grande "ator". Digo foi, porque Serapião infelizmente morreu algum tempo após terminamos o filme e estrearmos na telona. Morreu nas matas de Alto Belo. Suspeita-se que tenha sido vítima de uma cobra.

- *Perdemos Serapião* - me disse Téo Azevedo, um dos que mais sentiram a perda do jegue, tentando disfarçar a emoção.

Foi aí que o nosso "Cinema Catrumano" ficou de luto pela primeira vez. A segunda vez, foi com a partida do próprio Téo Azevedo, cuja ausência física nos dói na alma catrumana...

Bem, voltando ao nosso astro de quatro patas, a dor da perda de Serapião, que compartilhamos juntos, Téo, eu e todo o elenco de "U ômi qui casô cua mula" foi imensa, mais que humana em nossos corações.

Foi animalesca.

(*) **Jornalista, teatrólogo e articulista Eduardo Brasil escreve todas as sextas-feiras.**



